

Revelação Especial: Proposicional ou Pessoal?

Millard J. Erickson

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

É necessário nesse ponto falar brevemente da neo-ortodoxia, que vê a revelação não como comunicação de informação (ou proposições), mas como a apresentação que Deus faz de si mesmo. De acordo com a neo-ortodoxia, Deus não nos diz nada sobre ele; antes, chegamos a conhecê-lo mediante um encontro com ele. A revelação, então, não é proposicional; ela é pessoal. Numa grande extensão, nossa visão da fé refletirá nosso entendimento da revelação. Se consideramos a revelação como a comunicação de verdades proposicionais, veremos a fé como uma resposta de assentimento, de crença, nessas verdades. Se, por outro lado, consideramos a revelação como a apresentação de uma pessoa, correspondentemente veremos a fé como um ato de confiança ou comprometimento pessoal. De acordo com essa última visão, teologia não é uma série de doutrinas que foram reveladas. Teologia é a tentativa por parte da igreja de expressar o que ela encontrou na revelação que Deus fez de si mesmo.

A abordagem neo-ortodoxa apresenta no mínimo alguns problemas. O primeiro é estabelecer uma base sobre a qual a fé possa descansar. Os defensores das duas visões – que a revelação é pessoal ou proposicional – reconhecem a necessidade de algumas bases para a fé. A questão é se a visão não-proposicional da revelação fornece uma base suficiente para a fé. Podem os defensores dessa visão estarem certos de que encontraram realmente o Deus de Abraão, Isaque e Jacó? Para confiar em alguém, devemos ter algum conhecimento sobre essa pessoa.

Que deve haver crença antes de haver confiança é evidente a partir das nossas próprias experiências. Suponha que eu tenha que fazer um depósito em dinheiro num banco, mas esteja incapaz de fazê-lo em pessoa. Eu devo pedir a alguém que faça por mim. Mas a quem solicitarei? A quem eu me confiarei, ou pelo menos uma parte das minhas possessões materiais? Eu confiarei ou me comprometerei a alguém que eu creia ser honesto. Crer *nessa* pessoa depende de crer em algo *sobre* ela. Provavelmente selecionarei um bom amigo cuja integridade eu não questione. Similarmente, como podemos confiar que é o Deus cristão que estamos encontrando, a menos que ele nos diga quem ele é e com o que se parece?

Outro problema é o problema da própria teologia. Aqueles que mantêm que a revelação é pessoal estão, todavia, muito preocupados sobre defender corretamente a crença, ou declarar entendimentos doutrinários corretos, embora certamente insistam que a fé não é uma crença em proposições

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em Setembro/2006.

doutrinárias. Karl Barth e Emil Brunner, por exemplo, argumentaram sobre questões como a natureza e o status da imagem de Deus na humanidade, bem como o nascimento virginal e o túmulo vazio. Presumivelmente, cada um sentiu que estava tentando estabelecer a doutrina verdadeira nessas áreas. Mas como essas proposições doutrinárias estão relacionadas com a revelação não-proposicional, ou como são derivadas dela? Há um problema aqui. Isso não sugere que não pode haver uma relação entre revelação não-proposicional e proposições de verdades, mas que essa relação não foi adequadamente explicada pela neo-ortodoxia. O problema deriva-se de fazer uma disjunção entre revelação proposicional e pessoal. A revelação *não* é pessoal *nem* proposicional; ela é *tanto* uma *quanto* a outra. O que Deus primariamente faz é revelar a *si mesmo*; mas ele faz isso, pelo menos em parte, dizendo-nos algo *sobre* ele mesmo.

Fonte: *Introducing Christian Doctrine*, de Millard J. Erickson.